

Pequeno passo em frente

O ACORDO militar assinado no passado sábado, em Roma, por representantes do governo de Maputo e da Renamo foi qualificado de «pequeno passo em frente» por Armando Guebuza, ministro moçambicano dos transportes e «numero dois» da Frelimo, que chefiou a delegação governamental.

O «ministro dos negócios estrangeiros» da RENAMO, Raul Domingos, declarou-se satisfeito com os resultados da terceira ronda de negociações — embora não tenha especificado quais — dando porém a entender que as posições das duas partes continuam afastadas e que o mais difícil ficou por resolver no próximo encontro, marcado para o próximo dia 18, também em Roma.

As duas delegações, que em Julho e Agosto estiveram reunidas separadamente, aceitaram desta vez o diálogo directo, moderado por uma equipa de medianeiros — coordenada pelo deputado socialista Mario Rafaelli, em representação do Governo italiano — que incluía o arcebispo da Beira, D. Jaime Gonçalves, o presidente da Co-

munidade de Santo Egidio, Andrea Ricciardi, e o vice-reitor da paróquia de Santa Maria de Trastevere, onde está sediada a congregação.

O «acordo de Santo Egidio» incide exclusivamente sobre os aspectos militares e constitui, segundo os observadores, um cessar-fogo «de facto»: em troca da confinação das tropas estrangeiras — do Zimbabwé e do Malawi —

aos corredores da Beira e do Limpopo, onde garantem a segurança de vias de comunicações vitais para os dois países sem saída para o mar, a Renamo comprometeu-se a suspender as acções militares ofensivas.

O acordo prevê ainda a criação de uma Comissão Mista de Verificação que inclui três representantes do governo de Maputo e outros

tantos da Renamo, com a possibilidade, para o Governo de Harare de nomear também três representantes. Oito países africanos e europeus deverão fiscalizar o cessar-fogo definitivo, e Portugal, oficialmente convidado, declarou-se disposto a integrar a missão a nível político-militar.

Após a assinatura do documento Armando Guebuza

reconheceu que o acordo ficava «muito aquém das expectativas do povo moçambicano e da comunidade internacional», mas que era tudo o que tinha sido possível fazer para «deixar portas abertas» ao diálogo.

O representante da Frelimo disse ainda que «a obtenção da paz e de um acordo total de cessar-fogo era e é o nosso objectivo, para o qual

a delegação que chefiou fora mandatada».

Raul Domingos, em nome da Renamo, dirigiu-se aos «compatriotas presentes e ausentes» e manifestou um relativo optimismo, sem referir-se porém à questão do «cessar-fogo total».

Na mesma conferência de Imprensa, o Arcebispo da Beira, D. Jaime Gonçalves lembrou às duas partes que o tempo está a esgotar-se e que ambas correm o risco de ser «aniquiladas» por um processo que, em larga medida, já escapou ao seu controlo. O prelado católico salientou «o estado de confusão e caos em que se encontrava e encontra Moçambique no plano militar» já que «ninguém sabe ao certo quem combate quem e quantos são os guerreiros que se dão batalha».

Os negociadores vão reunir-se de novo uma semana antes do Natal e os medianeiros da Igreja católica fazem votos para que «se Deus quiser» a paz possa ser assinada a tempo de salvar mais «vítimas inocentes».

Nicole Guardiola com
Somel Bernardo
em Roma

O espírito do Vaticano II

A COMUNIDADE de Santo Egidio é uma das muitas associações de leigos que surgiram para «levar ao mundo» os ensinamentos do Concílio Vaticano II, que encerrou os seus trabalhos há precisamente 25 anos, a 8 de Dezembro de 1965.

Dirigida pelo Professor Andrea Ricciardi e pelo Padre Matteo Zuppi, a Comunidade tem como finalidade «servir o homem» ao apelo do «bom Papa João XXIII».

Tornou-se mundialmente conhecida ao organizar o histórico «encontro ecuménico de Trastevere» que reuniu destacados representantes de todas Igrejas, religiões e escolas de pensamento do mundo, iniciativa mais tarde repetida em Assis.

A Comunidade iniciou um processo de cooperação activa com Moçambique em 1975, quando jovens moçambicanos começaram a frequentar a «casa» de Trastevere. O apoio técnico a projectos de desenvolvimento tomou ou-

tros rumos à medida que a Comunidade tomou «conhecimento das várias facetas da realidade moçambicana e, por extensão, com o drama do povo moçambicano», como disse o Professor Ricciardi.

A Comunidade de Santo Egidio dedica-se actualmente ao auxílio de emergência às vítimas da guerra e da fome, sobretudo nas zonas mais afectadas pela guerra, inacessíveis para outras organizações e instituições humanitárias de maior envergadura.

Os seus voluntários leigos e religiosos empenharam-se como «testemunhas acima de qualquer suspeita» em sensibilizar a Igreja e a opinião pública para a necessidade de pôr fim ao «genocídio do povo moçambicano». No refeitório da Casa Mãe, em Trastevere, servem-se todas as noites duas mil refeições aos mais pobres habitantes da cidade papal.

N.G./S.B.